

## 1. Introdução

Percebo que o encantamento pela escrita e pela juventude – escrita ficcional, intervenção e estudo sobre suas manifestações - me acompanha desde quando esse período da vida vinha coberto por deliciosas intersecções. Dedicada à escrita desde a infância, com família orgulhosa por ter escrito o “primeiro livro” com sete anos de idade em escola montessoriana, com quinze fundei o “Sol & Lua”, uma sociedade de amigos por correspondência que movimentava intensa troca de cartas entre adolescentes de diferentes regiões brasileiras. Com dezoito tive o livro “Só Valeu!” publicado, um romance ingênuo sobre o envolvimento de adolescentes com drogas.

Ao cursar Pedagogia, a experiência como bolsista CNPq de Iniciação Científica no grupo de pesquisa coordenado por Aparecida Mamede abriu espaço para que o estudo da juventude se desse via abordagem acadêmica. Em nossas investigações sobre juventude agregamos temas de mídias, como em “O Jovem e o Jornal” e “Jovens em Rede” e a sensação de afinidade trouxe calma e certeza para a minha intenção de pertencimento: um campo interdisciplinar que estudasse a juventude, abarcando universos da Educação e Comunicação. A Mídia-Educação em breve me seria apresentada pela produção do professor Pier Cesare Rivoltella, sorte divisora de águas e das quais não quis mais desmergulhar.

No mestrado, as provocações da professora Tania Dauster na disciplina Antropologia e Educação inspiraram escolhas metodológicas, acredito, em caráter permanente. Fiz um estudo de caso após 9 meses de observação participante com o caderno de campo e câmera de vídeo na mão sobre os jovens universitários no “O movimento pela democratização da comunicação: o caso da Enecos e sua regional no Rio de Janeiro”. O vídeo-documentário que produzi, “Transformídia”, se tornou objeto de memória do período, experiência que atravessou minhas escolhas e fascínio pela tentativa do fazer etnográfico.

Antropologia, mídia, práticas de escrita e juventude – esta última que sinto pouco a pouco se distanciar da intersecção primeira que nos integrava – são *corpus* de atração aos meus olhos, reunidos na construção do objeto de tese como homenagem aos interesses prediletos. Investigar a escrita de nativos digitais com a

orientação de Rosalia Duarte, Tania Dauster e o apoio do GRUPEM foi oportunidade basilar e produtiva devido ao clima de leitura e estudo compartilhado, trocas e sugestões coletivas para a tentativa de entendimento deste objeto multifacetado e provocador.